

# PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: UM ESTUDO DE CASO

**Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis**

*Universidade Estadual de Londrina*

**Beatriz Leal Santos**

*Universidade Estadual de Londrina*

Recebido em: 17/09/2025

1ª revisão em: 20/01/2026

Aceito em: 31/03/2026

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre a importância do diagnóstico diferencial, relativo ao atendimento à criança. Apresenta algumas considerações sobre o desenvolvimento emocional, do ponto de vista da psicanálise, e do desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes. A seguir apresenta o caso clínico de uma criança de 11 anos, trigêmea, com problemas emocionais e suspeita de comprometimento cognitivo. Posteriormente, são analisados os fatos clínicos decorrentes dos atendimentos em psicoterapia breve psicanalítica, realizados com a criança e a família, bem como os resultados da avaliação psicológica de aspectos cognitivos, os quais possibilitaram a realização de um diagnóstico diferencial relativo às questões afetivo emocionais e cognitivas detectadas. Finalmente são apresentadas reflexões que nortearam a orientação à família e o encaminhamento da criança para a continuidade do atendimento terapêutico.

**Palavras-chave:** avaliação psicológica; diagnóstico diferencial; fatos clínicos; gêmeos; psicanálise

# BRIEF PSYCHOTHERAPY AND PSYCHOLOGICAL ASSESSMENT: A CASE STUDY

## ABSTRACT

This study aims to reflect on the importance of differential diagnosis in childcare. It presents some considerations on emotional development, from a psychoanalytic perspective, and the cognitive development of children and adolescents. Next, it presents the clinical case of an 11-year-old triplet child with emotional problems and suspected cognitive impairment. Subsequently, the clinical facts arising from brief psychoanalytic psychotherapy sessions with the child and family are analyzed, as well as the results of the psychological evaluation of cognitive aspects, which enabled a differential diagnosis of the affective, emotional, and cognitive issues detected. Finally, reflections are presented that guided the guidance given to the family and the referral of the child for further therapeutic care.

**Keywords:** psychological assessment; differential diagnosis; clinical facts; twins; psychoanalysis

# PSICOTERAPIA BREVE Y EVALUACIÓN PSICOLÓGICA: UM ESTUDIO DE CASO

## RESUMEN

Este estudio busca reflexionar sobre la importancia del diagnóstico diferencial en la atención infantil. Presenta algunas consideraciones sobre el desarrollo emocional, desde una perspectiva psicoanalítica, y el desarrollo cognitivo de niños y adolescentes. A continuación, se presenta el caso clínico de un niño trillizo de 11 años con problemas emocionales y sospecha de deterioro cognitivo. Posteriormente, se analizan los ecos clínicos surgidos de la psicoterapia psicoanalítica breve con el niño y su familia, así como los resultados de la evaluación psicológica de los aspectos cognitivos, lo que permitió un diagnóstico diferencial de los problemas afectivos, emocionales y cognitivos detectados. Finalmente, se presentan reflexiones que orientaron la orientación brindada a la familia y la derivación del niño para recibir atención terapéutica adicional.

**Palabras clave:** evaluación psicológica; diagnóstico diferencial; ecos clínicos; gemelos; psicoanálisis

## INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta algumas considerações sobre o desenvolvimento afetivo-emocional e cognitivo infantojuvenil visando, posteriormente, refletir sobre o atendimento destinado à criança do ponto de vista da psicanálise e da avaliação psicológica.

O atendimento psicológico, especialmente realizado com crianças, implica em considerar que o desenvolvimento (físico, emocional e cognitivo) ainda se encontra em processamento. À vista disso, questões emocionais podem comprometer negativamente o desenvolvimento cognitivo. Por outro lado, dificuldades relativas aos aspectos cognitivos também podem favorecer a manifestação de sintomas emocionais. Nesse cenário, divergências entre os problemas vivenciados pelos pacientes e as queixas verbalizadas por seus responsáveis devem ser observadas com cautela. Além disso, é necessário considerar que o processo psicoterapêutico pode sofrer a interferência de diferentes atores, representados pelas figuras parentais, irmãos e/ou outras pessoas que sejam responsáveis pelo paciente atendido. Nesse sentido, o atendimento psicoterápico à criança é permeado por uma trama de relações transferenciais estabelecidas não apenas entre a criança e o psicoterapeuta, mas também com outros membros da família.

Freud (1905/2016) considerou a sexualidade como um fator extremamente relevante e postulou que o desenvolvimento psicosexual ocorre em diferentes momentos: fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital. Para o criador da psicanálise, a constituição do indivíduo se fundamenta no desenvolvimento da sexualidade permeada pela relação com as figuras parentais. Nesse sentido, Freud (1914/2012) afirma que os primeiros seis anos de vida são cruciais no desenvolvimento emocional da criança, pois é quando se estabelecem os aspectos psíquicos que continuam se manifestando na relação do indivíduo com o mundo, nos anos de vida seguintes.

Ao longo da fase oral, Freud (1905/2016) descreve que a criança vivencia sensações prazerosas de forma intensa através da boca. Assim, a relação com o objeto-mãe se inicia através da amamentação e cuidados disponibilizados pela mãe. Posteriormente, na fase anal a criança vivencia o prazer de forma mais específica pelos órgãos excretores, sendo que a forma como o indivíduo vivencia os treinos de toalete podem influenciar a vida futura e levar à manifestação de sintomas psicopatológicos. Na fase fálica, o interesse pelos órgãos sexuais e as questões relacionadas à reprodução humana se intensificam. Além disso, a criança vivencia o chamado complexo de Édipo, situação em que se interessa pelo genitor do sexo oposto e sente ciúmes daquele o mesmo sexo que o seu. As emoções experienciadas em tal fase, considerando tanto o Édipo direto quanto o invertido, exercem influência importante no que tange à busca pelo conhecimento sobre os aspectos da sua própria vida e a dos seus pais. Aspectos que, futuramente, também podem refletir sobre a busca de conhecimentos de forma geral.

Após o sexto ano de vida, inicia-se a fase de latência, que Freud (1905/2016) descreve como um período em que os impulsos sexuais se desviam da meta sexual em um processo chamado de sublimação, o qual implica em alcançar condições para satisfazer a excitação sexual através das “realizações culturais” (p. 80). Além disso, o autor expõe que nesse período surgem formações reativas, como o nojo, a vergonha, as idealizações morais e estéticas, que funcionam como uma defesa contra os impulsos sexuais reprimidos nessa fase. Dessa forma, abrem-se portas para desenvolver a socialização com pessoas externas ao grupo familiar, bem como para o desenvolvimento intelectual – não à toa, é a fase em que a criança se aprofunda nas competências escolares.

Freud (1905/2016) menciona que as questões sexuais são o cerne do “instinto de saber” (p. 103) e mobilizam a criança à exploração independente desde os primeiros anos de vida. Assim, à medida que a criança cresce e busca sanar suas curiosidades, criam-se fantasias e concepções próprias que lhes servem de resposta. Contudo, o autor adverte que na idade escolar, “o medo de fazer uma prova, a tensão por uma tarefa de solução difícil pode ser significativa na irrupção de manifestações sexuais e também na atitude em relação à escola” (Freud, 1905/2016, p. 115).

Por outro lado, considerando os aspectos cognitivos, Piaget (1999) considera que o desenvolvimento ocorre em diferentes períodos: sensório motor, pré-operatório, operações concretas e operações formais. No período sensório motor, um dos aspectos que se destaca é a noção de objeto e a noção de permanência de objeto. No período pré-operatório, a criança apresenta grande capacidade de fantasiar e ainda tem dificuldade de solucionar problemas tendo em vista a fragilidade cognitiva e ausência de algumas estruturas de pensamento. O autor aponta que dos sete aos 12 anos de idade a criança vivencia novas experiências: a introdução do pensamento e operações racionais; a percepção de que existem pontos de vista diferentes; a busca por condições lógicas de afirmar suas concepções; o início da reflexão sobre os efeitos que suas ações podem causar; e também é o começo da capacidade de pensar sobre o que se espera da sua conduta social. Além disso, surgem novos sentimentos morais – honestidade, igualdade, reciprocidade e justiça – que resultam do respeito às regras com base no respeito mútuo e na cooperação entre o grupo, distinguindo-se do respeito por submissão às primeiras autoridades. Piaget (1999) descreve que as operações construídas ao longo da infância são concluídas aos onze e doze anos aproximadamente e, a partir disso, inicia-se o pensamento formal ou “hipotético-dedutivo” (p. 59), o qual corresponde às operações lógicas que ocorrem de forma abstrata. Essa nova forma de pensamento e operação, característica da adolescência, permite a construção de sistemas que conectam teorias e soluções, produz capacidade de refletir e possibilita pensar no futuro.

De certa forma, é possível considerar que alguns dos aspectos mencionados acima ocorrem, praticamente, de forma síncrona. Ao longo do primeiro e parte do segundo ano de vida, do ponto de vista piagetiano/cognitivo, a criança estabelece

a noção de objeto permanente, tornando-se capaz de perceber que mesmo que o objeto não esteja visível, ele continua existindo. Por outro lado, do ponto de vista emocional/psicanalítico, na mesma época a criança estabelece as primeiras relações de objeto, de modo especial com a mãe ou alguém que exerça a função materna. Ou seja, o desenvolvimento cognitivo influencia o desenvolvimento emocional e vice-versa desde os primeiros tempos da vida.

Durante as fases anal e fálica, do ponto de vista freudiano, as emoções estão exacerbadas motivadas por questões relacionadas à sexualidade. Por outro lado, do ponto de vista piagetiano/cognitivo, embora demonstre curiosidade acentuada e capacidade de se comunicar de forma simbólica, através da fala, a criança tem o desenvolvimento cognitivo precário e não consegue entender e solucionar problemas que demandam raciocínio lógico.

No período de latência, proposto por Freud (1905/2016), parte da energia psíquica pode ser sublimada e, logo, destinada a outras funções em detrimento da sexualidade; no mesmo período, a criança vivencia as operações concretas, proposto por Piaget (1999), na qual se desenvolve a capacidade de realizar diversas operações lógicas e compreender o mundo de forma mais sofisticada. O desenvolvimento - cognitivo e emocional – vivenciados produzem efeitos na vida da criança tanto na esfera individual, quanto familiar, social e escolar.

No que tange ao atendimento psicológico às crianças, convém refletir sobre algumas possibilidades colocadas a seguir.

Freud (1905[1904]/2021) expõe a psicanálise como um tipo de terapia que concebe o inconsciente como uma instância que produz sintomas patológicos associados à coerção psíquica e ao desprazer. À vista disso, o autor descreve que a técnica psicanalítica consiste em investigar a origem e o contexto do sofrimento, não se propondo à entrega de uma resolução rápida como significado de sucesso do trabalho analítico. Nesse sentido, há uma contradição entre os aspectos que prevalecem na atualidade e a proposição da psicanálise, pois nota-se como característica da contemporaneidade a busca por respostas imediatas e precisamente alinhadas à eliminação da demanda que se apresenta.

Considerando os aspectos contemporâneos, Hegenberg (2021) questiona a duração do processo terapêutico e o não estabelecimento de um prazo para sua finalização, salientando que “a profundidade é confundida com temporalidade” (p. 23) ao passo que o convencional é a extensão da psicoterapia por meses e até anos. Por isso, ao considerar a existência da psicoterapia breve, levanta-se a hipótese de ser um trabalho superficial, visto que é um procedimento de duração variável e predeterminada. No entanto, o autor salienta que não é somente o termo breve que caracteriza essa forma de terapia, mas também o foco conferido à demanda apresentada como sofrimento, a definição dos objetivos e a consideração de uma relação que compreende duas pessoas, profissional e paciente, sem que o primeiro interfira de modo impróprio.

No que tange à psicoterapia psicanalítica realizada com a criança, Klein (1975/1997) enfatiza o fato de a criança expressar seus sentimentos e emoções através do brincar, enquanto Winnicott (2019) compreende o brincar como uma experiência criativa que, além de ser um modo possível de se comunicar na psicoterapia, possibilita o relacionamento em grupo e o desenvolvimento da criança.

Questões relacionadas aos aspectos emocionais podem influenciar no processo de desenvolvimento da criança e, conseqüentemente, em seu processo de aprendizagem, haja vista a dinâmica familiar, a relação interpessoal entre alunos e também entre aluno e professor (Souza et al., 2020). Ademais, a capacidade da criança aprender o que lhe é ensinado depende das conquistas obtidas em seu processo de amadurecimento, o qual requer um ambiente que se adapte às necessidades da criança e facilite seu crescimento e desenvolvimento emocional (Winnicott, 1968/2021). Dessa forma, convém investigar os pormenores do processo de desenvolvimento da criança atendida, considerando também seu entorno, para compreender o uso que ela faz do seu processo de escolarização.

Nesse cenário, o psicoterapeuta pode identificar questões que exijam um processo de investigação de outra natureza e, então, o diálogo com outras especialidades. Sei et al. (2019) realizaram um levantamento das crianças e adolescentes atendidas em um serviço-escola e identificaram as principais motivações para a busca por atendimento psicológico, dentre elas estão: dificuldades escolares, imaturidade/atraso no desenvolvimento e medo/depressão/problemas de pensamento. Questões relacionadas ao processo de escolarização e o atraso no desenvolvimento podem suscitar a necessidade de construir um psicodiagnóstico, o qual Hutz et al. (2016) definem como um procedimento de avaliação psicológica que consiste na investigação cientificamente planejada das aptidões e dificuldades da pessoa avaliada, com a finalidade de realizar encaminhamentos que atendem às demandas de forma adequada. Com base nas entrevistas, na técnica e na possibilidade de utilizar testes psicológicos, o psicodiagnóstico se mostra como um processo rico em sua complexidade, pois, dentro de um tempo determinado, pode contribuir para a compreensão de questões que podem ter um prognóstico assistido também por profissionais de outra área.

No caso de crianças gêmeas, Viotto (1999) aponta que fatores genéticos e ambientais podem influenciar o desenvolvimento cognitivo, mas destaca a individualidade da interação da criança com o ambiente como ponto de diferenciação do processo de desenvolvimento. Sendo assim, embora compartilhem semelhanças genéticas e ambientais, os gêmeos podem se desenvolver de forma diferente e, por vezes, isso pode gerar conflitos internos e intrafamiliares. O fato de serem gerados e nascidos de forma simultânea e, frequentemente, apresentarem uma fisionomia muito semelhante, corrobora com o tratamento unificado para ambos. Além disso, conforme Morgenstern e Gueller (2015) apontam, a prática familiar de colocar nomes parecidos, comprar roupas iguais, induzir às mesmas atividades e penalizar igualmente reflete o desafio do

processo de individualização e singularidade em gêmeos. Nessa mesma perspectiva, Reis (2015) enfatiza a importância de os cuidadores identificarem aspectos que diferenciam os cogêmeos para, assim, possibilitar que se apropriem de uma identidade própria.

Tendo em vista o exposto acima, o objetivo do presente estudo consiste em refletir sobre a importância do diagnóstico diferencial relativo ao atendimento à criança.

## **MÉTODO**

Realizou-se um estudo de caso, que consiste em um “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (Gil, 2008, p. 57), o qual integra um projeto de pesquisa maior, realizado em uma universidade pública do sul do Brasil, que atende gêmeos e/ou seus familiares em psicoterapia breve psicanalítica.

Os participantes foram: Lírio (nome fictício), 11 anos de idade, que faz parte de um trio de irmãos gêmeos; sua família composta pelos pais, Rosa (nome fictício da irmã de aproximadamente 30 anos e os seus irmãos cogêmeos; três psicólogos, sendo dois responsáveis pelas sessões de psicoterapia, e um pela avaliação psicológica. Todos os participantes adultos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as crianças assinaram o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE), ambos os termos foram aprovados pelo Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade em que a pesquisa ocorreu.

Local de realização: Clínica Psicológica da universidade.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas: 1) atendimentos em psicoterapia breve psicanalítica realizada com a família e, de forma individual, com Lírio; 2) avaliação psicológica realizada com Lírio. Após cada sessão, os psicoterapeutas responsáveis elaboravam relatórios, constando as falas dos presentes, as interpretações e impressões dos psicoterapeutas. Nas sessões conjuntas, havia a participação de dois psicoterapeutas e apenas um nas individuais.

Os materiais utilizados nos atendimentos psicoterápicos foram materiais gráficos (papel, lápis, giz de cera, lápis de cor), cola, fita adesiva, massa de modelar, brinquedos (Uno, Pula Pirata, Monopoly, quebra cabeça, blocos de montar, bonecos, miniaturas de animais). Na avaliação psicológica, foram utilizados os testes psicológicos WISC-IV e BPA-2.

Os materiais utilizados para análise dos dados foram os relatórios de atendimento em psicoterapia breve psicanalítica, bem como os registros e informações obtidas no processo de avaliação psicológica.

A princípio foram realizadas sessões individuais com: Rosa (irmã, adulta); mãe e pai; sessões com a família e sessões com os trigêmeos. Ao longo do processo, foram realizadas sessões de devolutivas com os responsáveis pelos gêmeos (seus

pais e Rosa, irmã mais velha), onde foram apontadas as compreensões sobre o caso e o encaminhamento de Lírio para o atendimento em psicoterapia psicanalítica breve (individual) e, posteriormente, para o serviço de avaliação psicológica fornecido pelo Laboratório de Avaliação Psicológica (LAP) da mesma universidade.

O processo de avaliação psicológica consistiu em entrevistas de anamnese, observações clínicas, entrevista com a pedagoga e com os psicoterapeutas, aplicação da Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC-IV) e da Bateria Psicológica para Avaliação da Atenção (BPA-2). Convém mencionar que os instrumentos utilizados para mensurar inteligência e atenção se apresentam favoráveis no Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI).

A análise de dados foi realizada em duas etapas: 1) leitura dos relatórios de atendimento em psicoterapia, onde buscou-se identificar os fatos clínicos vivenciados em cada sessão. Consideram-se como fatos clínicos aquelas situações ocorridas no setting terapêutico, permeadas pela transferência e contratransferência, os quais podem ser considerados como fatos clínicos psicanalíticos após a análise fundamentada na teoria psicanalítica (Reis, 2022); 2) análise dos relatórios decorrentes das sessões de avaliação psicológica e dos resultados obtidos nos testes psicológicos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca pelo atendimento no projeto de pesquisa foi motivada pelas preocupações da família, especialmente, relativas a um dos trigêmeos. Desde o nascimento, Lírio necessitou de maiores cuidados em função de complicações respiratórias, que persistiram até o período em que os atendimentos foram realizados. A irmã, Rosa, auxilia os pais nos cuidados dos trigêmeos e, embora atualmente não resida com os pais, presta assistência e, inclusive, apoio financeiro.

Durante as sessões com a família toda e naquelas realizadas apenas com os trigêmeos, alguns fatos clínicos relativos ao medo vivenciado por Lírio em diferentes situações, se destacaram:

Lírio diz que tinha medo de crescer, mas agora não tem tanto. Peço para ele falar do seu medo, mas ele resiste. O cogêmeo pontua algumas situações e Lírio diz que tem medo dos adolescentes, porque eles brigam, é soco com soco, e seria mais fácil se fosse conversar.

Outro medo conferido ao Lírio foi informado pela mãe: o medo de dormir sozinho. No entanto, a cogêmea relatou que o cogêmeo “fica fazendo caretas e imitando monstros durante a noite, o que deixa Lírio assustado, e ela não pode sair do quarto pra não deixar ele sozinho (começam a falar disso rindo)”. Em outro momento, ela menciona que “Lírio fala que tem medo de não passar de ano. Conta

que as notas são boas, faz todas as tarefas, mesmo assim tem medo, porque se for mal em todas as provas a partir de agora, pode reprovar”.

Em diferentes fatos clínicos, verificou-se a preocupação da cogêmea em cuidar dos cogêmeos, o que pode se apresentar como um provável indicativo de identificação dela com as figuras femininas cuidadoras (mãe e Rosa) da família. Por outro lado, foi possível perceber que em alguns momentos o cogêmo tentava e/ou exercia influência e tentativa de controle sobre Lírio.

Em uma das sessões, foi solicitado que os trigêmeos elaborassem um espaçograma (Carnauba, 2023), no qual deveriam fazer um desenho que representasse a planta da casa. A princípio, Lírio disse que não se lembrava da casa, mas em seguida ele e seu cogêmo realizaram desenhos separados e colaram as duas partes (Figura 1), enquanto a cogêmea fez outro desenho (Figura 2).

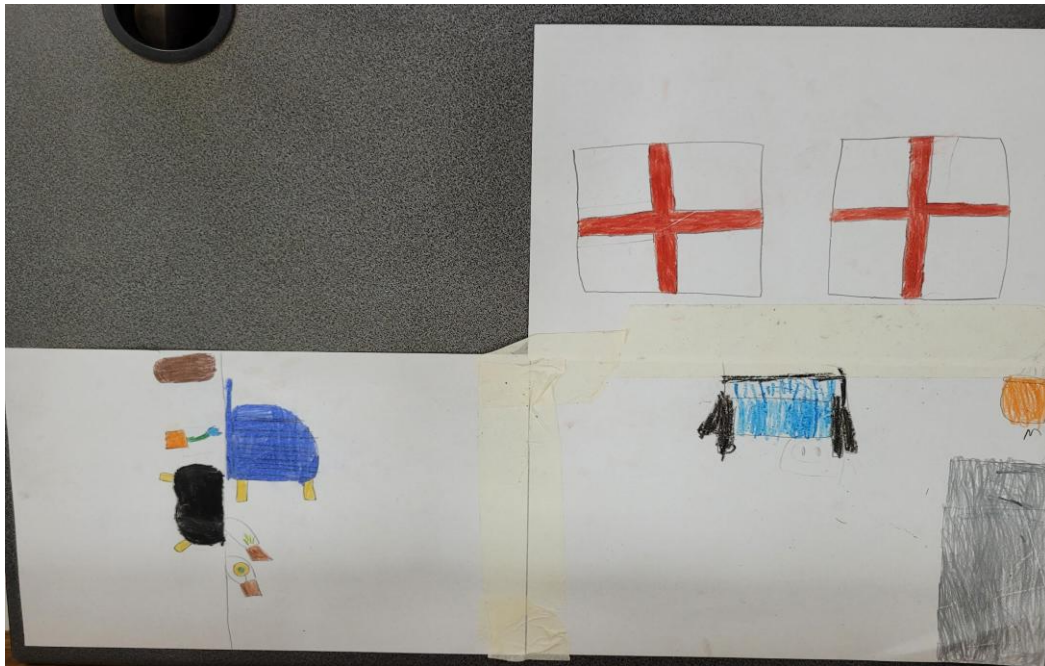


Figura 1. Espaçograma de Lírio e seu cogêmo



Figura 2. Espaçograma da cogêmea

Pergunto a eles sobre o desenho e respondem que é a frente da casa. Lírio fala para o cogêmeos que ele colou o desenho errado, que sua folha deveria estar de pé. O cogêmeo dá de ombros e diz que vai ter que ficar desse jeito agora. Pergunto o que era o desenho do cogêmeo, ele diz que é um corredor ao lado da entrada da casa. Tento explorar mais perguntando sobre o interior da casa e eles apenas dizem que é pequena. Lírio é mais descritivo, fala que entrando tem a sala e a cozinha, um corredor que leva aos dois quartos, o dos pais e o deles.

O breve diálogo entre Lírio e o seu cogêmeo parece evidenciar uma ligação maior entre eles, do que entre eles e a cogêmea. Enquanto ela elabora o espaçograma sozinha, eles o fazem de forma conjunta, tais fatos clínicos parecem evidenciar que o processo de individualização (Morgenstern & Gueller, 2015; Reis, 2015) da cogêmea se encontra mais evoluído do que os de cada cogêmeo. Além disso, o fato clínico demonstra uma possível submissão de Lírio em relação ao cogêmeo, que parece dominar a relação, pois, mesmo Lírio sinalizando que o desenho estava errado, o cogêmeo desconsidera e mantém a colagem do seu jeito. Então, o espaçograma acaba ficando "errado" do ponto de vista de Lírio, mas ele parece se conformar com a reação/fala do cogêmeo.

Em uma das sessões, realizada com os trigêmeos, foi solicitado o desenho da família no qual Lírio se colocou em destaque, ao lado da mãe e da cogêmea (Figura 3). A princípio, Lírio disse que queria desenhar junto com o cogêmeo, que afirmou não querer desenhar. Tal fato parece denotar, mais uma vez, a possível relação de

simbiose e dependência de Lírio em relação ao seu cogêmeo, que, nessa relação dual, parece estar em estágio mais avançado de individualização (Morgenstern & Gueller, 2015; Reis, 2015). Interessante ressaltar, também, a precariedade do desenho de Lírio, pois, considerando sua faixa etária, espera-se que os detalhes do corpo – características faciais e número de dedos – sejam representados mais próximos da realidade, no entanto não é o que se observa em seu desenho. Chama a atenção, também, a ausência da irmã mais velha – Rosa. Outra observação interessante: a cogêmea acrescentou ondas sonoras no desenho de Lírio e disse que ele era bem barulhento, o que corrobora para levantar a hipótese de que Lírio apresenta comportamentos característicos de crianças menores ou menos desenvolvidas do que ela e o outro cogêmeo.



Figura 3. Desenho da família elaborado por Lírio: cogêmeo, pai, mãe, Lírio e cogêmea.

O cogêmeo preferiu não desenhar a família e o desenho da cogêmea (Figura 4) apresentou características mais adequadas à sua faixa etária. De modo geral, observa-se que as representações dos cogêmeos foram bem menos sofisticadas do que as dela e dos adultos da família, o que parece demonstrar o quanto se sentia mais evoluída e diferenciada dos irmãos cogêmeos.



Figura 4. Desenho da família elaborado pela cogêmea.

Na mesma sessão, outro fato clínico se destacou: ao invés de desenhar a família, o cogêmeo construiu um dinossauro com a massa de modelar (Figura 5), talvez representando o quanto se sentia diferenciado dos irmãos (Lírio e cogêmea).



Figura 5. Dinossauro feito pelo cogêmeo com massa de modelar.

Lírio, após realizar o desenho da família, construiu dois jogadores de um time de futebol com massa de modelar (Figura 6) e apontou que um deles parecia com ele próprio. Assim, ficou a impressão de que estava representando a si e ao cogêmeo através da modelagem, tal qual mencionado por um dos psicoterapeutas: "Neste momento há tanto uma comparação quanto diferenciação entre eles: ambos irmãos parecem o jogador, mas o cogêmeo parece mais com ele, marcando

também a diferenciação neles”. Convém ressaltar que as características faciais e o corpo dos jogadores apresentavam detalhes precários (características faciais, proporção de partes do corpo, formato de mãos e pés etc.) que podem sugerir dificuldades de percepção do próprio esquema corporal. Chama a atenção, também, o fato de uma das figuras ser maior, aparentemente mais gorda ou mais forte do que a outra, entretanto nos relatórios os psicoterapeutas não indicaram com qual jogador Lírio se sentia mais parecido.



Figura 6. Jogadores de futebol feito por Lírio, com massa de modelar

Ao final da sessão realizada com os trigêmeos, onde foram realizados os desenhos e as modelagens (Figuras 5 e 6), um dos dois psicoterapeutas que estiveram presentes relatou as percepções e interpretações de ambos:

Ao final, falamos sobre como ficou perceptível a dependência do Lírio em relação aos irmãos: quanto aos seus gostos pessoais e opiniões, ele não tinha certeza alguma, caso os irmãos não concordassem com ele. Mesmo quanto ao desenho - ele queria fazer com o cogêmeo, mas este não quis fazer. Sua fala também é extremamente infantilizada, a ponto de ser difícil entendê-lo em alguns momentos.

Ademais, verificou-se que Lírio aparentava uma certa imaturidade em relação aos cogêmeos, o que era perceptível, inclusive, na preferência por brincadeiras mais infantilizadas, tais como no fato clínico abaixo colocado:

Após jogarem uma partida de “UNO” em que um dos psicoterapeutas venceu o jogo, os trigêmeos pegaram o jogo da memória. A cogêmea e o cogêmeo se concentraram em achar as

peças do jogo da memória. Lírio ficou mexendo na caixa com brinquedos e achou um bonequinho que tinha uma espécie de corda, que quando puxada fazia com que o bonequinho andasse para frente e para trás. O brinquedo fazia um barulho estridente e, nesse momento, ficou difícil dar atenção para ambos os irmãos. Percebi que isso incomodou Lírio.

Ao longo das sessões realizadas com os trigêmeos, foram constatadas e relatadas repetidas vezes, pelos psicoterapeutas, algumas dificuldades apresentadas por Lírio, tais como: fala infantilizada, imaturidade emocional e falta de concentração em algumas atividades espontâneas realizadas junto com os seus cogêmeos. Assim, optou-se pelo encaminhamento de Lírio para atendimento em psicoterapia individual.

Durante a sessão de devolutiva com os pais e a irmã-Rosa, enquanto a mãe afirma que ele é muito inteligente e tem boas notas, Rosa pontua a dificuldade que ele tem de fazer trabalhos e tarefas. Ressalta, inclusive, que muitas vezes ele fica receoso de fazer suas atividades e os irmãos/cogêmeos acabam fazendo por ele, quando percebem sua dificuldade.

Durante uma das sessões individuais, ocorreu o seguinte fato clínico:

A psicoterapeuta questionou: "E como é para você brincar sozinho?". Lírio disse: "Não gosto de ficar sozinho, me dá medo, você sabe, tem os bichos". Perguntei: "Quais bichos?". Ele disse: "São demônios, assombrações". Lírio disse que em sua antiga casa, sua cogêmea escutou uma voz enquanto tomava banho e seu cogêmeo jurou ter visto um vulto embaixo da mesa enquanto jantava. Perguntei: "Você tem medo de encontrar esses bichos quando tá sozinho?". Lírio disse que tem muito medo. Então, eu (psicoterapeuta) falei: "Quando você está brincando com seus irmãos você tem alguém pra te proteger". Ele concordou com a cabeça.

Outro fato clínico, no qual utilizava massa de modelar, chamou a atenção:

Lírio fez uma árvore, uma caixa de presentes e uma melancia, que posteriormente, ele transformou em um sofá (Figura 7). Enquanto fazia o sofá ele disse: "É difícil fazer porque na minha cabeça tem muitos pensamentos". Então eu perguntei: "Quais pensamentos Lírio?". Ele disse: "Ah, agora não sei te dizer".



Figura 7. Modelagem realizada por Lírio

Quanto à modelagem, é possível hipotetizar que ele vivenciava uma autoestima rebaixada (em função da forma grotesca da figura humana) e uma certa solidão, embora estivesse cercado de coisas boas (representadas pelo presente, árvore e frutas). Além disso, através de sua fala, foi possível perceber o medo premente e a dependência de Lírio em relação aos irmãos cogêmeos, os quais possibilitaram levantar a hipótese de haver, da parte dele, uma vivência simbiótica com os cogêmeos, os quais demonstravam estar em uma etapa mais elevada do processo de amadurecimento emocional (Winnicott, 1963/2022). Por outro lado, a sua fala parecia indicar a existência de pensamentos em busca de um pensador, tal qual preconizado por Bion (1967/1994), possivelmente funcionando como elementos beta ( $\beta$ ) ainda não simbolizados pelo paciente e que precisavam do auxílio externo para que fossem decodificados e transformados em elementos alfa ( $\alpha$ ) que poderiam então ser pensados por Lírio. Denotando, assim, a necessidade de acompanhamento psicoterápico duradouro, no qual o psicoterapeuta pudesse auxiliá-lo a pensar e compreender o que se passava com ele próprio.

Durante as sessões individuais foram utilizados jogos de tabuleiro, tais como o Monopoly, sendo que em uma das sessões a psicoterapeuta relatou o seguinte fato clínico:

O jogo basicamente era sobre compra e venda de propriedades, sendo necessário saber somar e subtrair, percebi que Lírio teve muita dificuldade nisso, ele não conseguia calcular os valores, achei isso um fator crítico, tendo em vista que ele já tem 11 anos. Um exemplo, ele tinha 200 reais, quis comprar uma propriedade que custava 60, ele não conseguiu fazer a subtração entre esses valores.

Tal fato, associado a outros semelhantes vivenciados no atendimento individual levaram à reflexão sobre possíveis problemas de aprendizagem que Lírio estivesse apresentando. Ao longo das sessões, conjuntas e individuais, levantou-se a suspeita de comprometimento cognitivo e assim houve o encaminhamento para o Laboratório de Avaliação Psicológica (LAP) da mesma universidade para a realização de uma avaliação psicológica. Desse modo, as sessões de psicoterapia foram interrompidas, para que a avaliação psicológica fosse conduzida por outra psicóloga.

As questões que motivaram o encaminhamento para a avaliação psicológica foram: fala e postura mais infantilizada comparado aos cogêmeos; demora/dificuldade para compreender orientações; dependência do apoio dos cogêmeos, da irmã mais velha e da mãe para realizar a maioria de suas atribuições; dificuldade em realizar atividades que envolviam números; dificuldade em se manter concentrado e baixo desempenho nas atividades escolares que envolvem raciocínio lógico, matemática e interpretação de texto.

Dada a necessidade de realizar um diagnóstico diferencial, considerou-se indispensável investigar as possíveis causas das dificuldades detectadas de avaliação psicológica, com a utilização de métodos e técnicas específicas, diferentes daquelas pertinentes à psicoterapia psicanalítica infantil.

Ao longo das sessões destinadas para a avaliação psicológica, também houve a utilização de jogos e brincadeiras, entretanto, nesse contexto, o intuito principal era avaliar aspectos cognitivos. As observações clínicas não indicaram prejuízo na capacidade de compreensão das orientações, porém percebeu-se dificuldade em manter a concentração em atividades mais longas e menos dinâmicas. Ao longo dos jogos e demais atividades, ficou perceptível a preocupação e insegurança de Lírio quando estava perdendo em algum jogo, tendendo a desistir de realizar a atividade. Com relação às tarefas que exigiam a conclusão dentro de um tempo pré-determinado, o avaliado demonstrava se sentir pressionado pelo tempo e, conseqüentemente, demonstrava maior preocupação em concluir em tempo hábil. Fato que pode ter colaborado negativamente para a obtenção dos resultados obtidos nos respectivos testes.

Quanto às informações obtidas através das entrevistas, as responsáveis (mãe e irmã-Rosa) relataram que Lírio demonstra certa intolerância à frustração, um sentimento intenso de medo e um comportamento de reclusão, quando está diante de um grupo de pessoas. Lírio sempre optou pelo isolamento quando estava separado dos cogêmeos e costuma dormir com o irmão gêmeo - por medo de dormir sozinho. Por outro lado, a pedagoga responsável pela turma escolar em que Lírio estava matriculado, quando questionada sobre o desempenho escolar e comportamento de Lírio, relatou que não havia grandes considerações, tendo em vista que ele é considerado como aluno mediano. Tal fato chamou atenção visto que, a demanda da família e o encaminhamento da psicoterapeuta, enfatizavam as dificuldades apresentadas pela criança bem como discrepâncias observadas na fala

e performance de Lírio em desenhos, brincadeiras e atividades espontâneas, em relação ao esperado para sua faixa etária. Especialmente quando comparado à maneira como a cogêmea e o cogêmeo se expressavam, tanto através da fala quanto nas demais ações realizadas, durante as sessões conjuntas. Além disso, segundo a irmã-Rosa, havia o risco de ele ser reprovado na série escolar.

Os resultados obtidos por meio dos testes psicológicos aplicados foram importantes para a compreensão do desenvolvimento cognitivo apresentado por Lírio. No que tange ao teste WISC-IV, verificou-se que obteve uma classificação de inteligência no nível "Médio Inferior", o qual indica que ele possui recursos cognitivos para a aprendizagem, contudo necessita de maior esforço e assistência para que o objetivo do processo seja alcançado. Quanto à capacidade atencional, avaliada pelo BPA, também obteve classificação "Médio Inferior", indicando a existência de dificuldades perceptíveis que podem interferir no processo de aprendizagem. Diante desse resultado, convém mencionar que, entre as subáreas do WISC-IV, Lírio obteve menor desempenho (classificação "Limítrofe") na Velocidade de Processamento, apontando para um déficit na capacidade de percepção, análise e resposta a um estímulo, sob a condição de um limite de tempo. Tais resultados contribuem para considerar a possibilidade de o avaliado apresentar problemas atencionais que interferem no seu desenvolvimento e, conseqüentemente, no seu desempenho escolar.

Além dos aspectos mencionados nos fatos clínicos citados anteriormente e na avaliação cognitiva, convém acrescentar alguns pormenores da história familiar. Desde o nascimento, Lírio foi considerado como o mais frágil dos trigêmeos tendo em vista que ele e a cogêmea precisaram ficar internados na maternidade, após a alta da mãe e do cogêmeo, sendo Lírio o último a receber alta hospitalar. Quando bebê, costumava engasgar-se ao mamar, fato que causava preocupação, especialmente na mãe. Desde que nasceu, Lírio apresenta problemas respiratórios e é considerado muito nervoso, enquanto os irmãos/cogêmeos são percebidos como tranquilos e mais unidos entre si. Na escola, os cogêmeos ficavam em salas separadas até o ano letivo anterior, entretanto na ocasião em que a avaliação psicológica foi conduzida, haviam mudado de escola e Lírio estava na mesma sala que o cogêmeo. A mudança de escola ocorreu porque eles iniciaram a segunda fase do Ensino Fundamental, assim, na nova escola, ele e os cogêmeos frequentam a mesma turma. A nova situação escolar, provavelmente colabora para agravar os problemas emocionais de Lírio, como pode se verificar no fato clínico abaixo:

Está sendo uma experiência diferente para a família, pois estão percebendo que o cogêmeo "domina" as atividades e os relacionamentos interpessoais com os colegas de classe: "ele costuma defender o Lírio quando acontece alguma coisa; o cogêmeo termina as atividades antes e o Lírio começa a ficar nervoso".

Ao relacionar a história familiar, as questões emocionais – apontadas pelos psicoterapeutas – e as questões cognitivas detectadas pela psicóloga responsável pela avaliação cognitiva, é possível refletir sobre alguns pontos colocados a seguir.

Em comparação com os cogêmeos, Lírio apresenta amadurecimento emocional e cognitivo menos desenvolvido, os quais podem ser devido a fatores constitucionais e/ou ambientais. Os aspectos detectados através dos testes psicológicos indicaram haver uma certa dificuldade de atenção e velocidade de processamento de informações, especialmente quando há limitação de tempo para execução das tarefas. Tais aspectos poderiam comprometer, sutilmente, a capacidade de perceber, compreender e processar informações, no entanto, no caso de Lírio, o fato dele ser um dos trigêmeos colabora para agravar a situação, pois tanto o cogêmeo quanto a cogêmea parecem estar em um nível cognitivo um pouco mais avançado do que Lírio.

A diferença no desenvolvimento cognitivo entre as crianças é, de certa forma, esperada, especialmente para aqueles indivíduos que estão vivendo a transição entre o período das operações concretas e o das operações formais, propostos por Piaget (1999). Lírio estava com 11 anos na época da avaliação, logo, estava no limite entre os dois períodos. Provavelmente seus irmãos/cogêmeos já estavam ingressando no período das operações formais, enquanto ele ainda não estava. Isso talvez justifique a baixa performance dele nos testes mencionados. Se a hipótese for verdadeira, é possível que os cogêmeos tenham maior facilidade para perceber e processar informações, logo realizando as atividades com mais destreza e rapidez do que Lírio, que acaba por se sentir inferiorizado ao se comparar e ser comparado com os cogêmeos.

O fato de os cogêmeos estarem frequentando a mesma sala de aula colabora para que Lírio não apenas compare a sua performance com a do cogêmeo, mas também favorece a vivência de situações em que ele e o cogêmeo sejam comparados pelos professores e colegas de sala. A ansiedade vivenciada, por querer finalizar as atividades no tempo devido, pode piorar o problema e contribuir para aumentar as dificuldades de perceber e processar informações, podendo agravar o sintoma de “nervosismo” apontado por sua irmã-Rosa. Assim, ao invés de resolver as situações-problema do dia a dia, tanto nos jogos e brincadeiras quanto nas tarefas escolares, Lírio acaba optando por abandoná-las.

Outro ponto importante a se destacar: a mãe trata os trigêmeos de forma diferenciada, pois ela parece se referir a Lírio como se fosse o “filho caçula”, provavelmente, por ele ter sido o bebê mais frágil dos trigêmeos e ter sido o último a receber alta após o nascimento. No entanto, apesar de haver essa diferença de tratamento, atenção e cuidado, os efeitos mostram que essa diferenciação não colabora para incentivar o amadurecimento emocional e independência de Lírio, da mesma maneira que ocorreram com os seus irmãos/cogêmeos.

Além do desenvolvimento cognitivo e dos cuidados maternos recebidos, é necessário considerar que Lírio, aos 11 anos, continua funcionando como uma

criança no período de latência e não, ainda, como um adolescente vivenciando a fase genital proposta por Freud. Por outro lado, conforme já mencionado anteriormente, ele alega ter receio dos adolescentes. Isso pode remeter a diferentes interpretações considerando, por exemplo: medo de crescer e o desejo de continuar sendo criança; medo de se relacionar com os adolescentes, considerados por ele como perigosos; o fato de a escola atual ser frequentada por alunos com idades mais avançadas colaborar para os temores que ele vivencia.

Considerando as análises acima colocadas, fundamentadas nas sessões de psicoterapia psicanalítica (individuais e familiares) e na avaliação cognitiva realizada, é possível considerar que Lírio apresenta um leve comprometimento relacionado aos aspectos cognitivos, que podem ser decorrentes e/ou agravados pelos aspectos emocionais detectados e analisados. Assim, ao finalizar as etapas do caso apresentadas no presente estudo, foi ressaltado à família a necessidade de Lírio ser percebido e tratado de forma singular, considerando ser um indivíduo que apresenta características próprias e que não deveria ser constantemente comparado ao cogêmeo. Além disso, foi apontada a necessidade de Lírio continuar sendo atendido em psicoterapia psicanalítica, bem como ser acompanhado de forma especializada nas atividades escolares em que seu desempenho não é compatível ao esperado no contexto acadêmico em que se encontra.

Nesse sentido, o diagnóstico diferencial realizado foi crucial para viabilizar a compreensão dos sintomas e o encaminhamento adequado às necessidades daquele cogêmeo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde o início da vida, Lírio apresentou fragilidades que contribuíram para que ele ocupasse o lugar de filho e irmão/cogêmeo que necessitava mais cuidado e adaptação do ambiente às suas necessidades. À vista disso, torna-se compreensível haver uma possível diferença de tratamento dispensada a ele, mas que, no entanto, pode colaborar para a sua "infantilidade" e condição de dependência. As características de Lírio eram percebidas em comparação com os outros cogêmeos e, por demarcar uma diferença no trio, despertavam preocupações que se baseavam numa percepção de que ele apresentava algumas dificuldades de raciocínio e emocionais. Assim, a família considerava que o seu desenvolvimento era aquém das suas reais características e potencialidades.

A percepção de dificuldades cognitivas detectadas durante o atendimento em psicoterapia psicanalítica foram cruciais para o encaminhamento do cogêmeo para a avaliação psicológica dos aspectos cognitivos, o que possibilitou uma melhor compreensão de seu funcionamento cognitivo e das suas capacidades/potencialidades. Por outro lado, a análise dos aspectos emocionais, a partir dos fatos clínicos detectados e a integração com os resultados da avaliação cognitiva, possibilitou a viabilização/compreensão do diagnóstico diferencial que foi conduzido.

Espera-se que o presente estudo colabore para ressaltar a importância do diagnóstico diferencial das crianças e adolescentes que apresentam sintomas de problemáticas emocionais e cognitivas.

## REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1967). Uma teoria sobre o pensar. In *Estudos psicanalíticos revisados* (pp. 127-138). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1994).
- Carnauba, L. C. O., Kaster, M. A., Sei, M. B., & Inácio, A. L. M. (2023). Psicodiagnóstico interventivo e dinâmica familiar: considerações a partir da clínica. *Diaphora*, 12(2), 73-78. <https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/460>
- Freud, S. (2021). Sobre psicoterapia. In *Fundamentos da Clínica Psicanalítica* (pp. 63-77). Belo Horizonte: Autêntica. (Originalmente publicado em 1905[1904])
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas Vol. 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos (1901-1905)* (P. C. de Souza, Trad.) (pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (2012). Sobre a psicologia do colegial. In *Obras completas Vol. 11: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* P. C. de Souza (Trad.) (pp. 302-306). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1914).
- Gil, A. C. (2008). Delineamento da pesquisa. In *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed., pp. 49-59). São Paulo: Atlas.
- Hegenberg, M. (2021). *Psicoterapia breve psicanalítica* (2ª ed.). Belo Horizonte: Artesã.
- Hutz, C. S., Bandeira, D. R., Trentini, C. M., & Krug, J. S. (Eds.). (2016). *Psicodiagnósticos*. Porto Alegre: Artmed.
- Klein, M. (1997). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1975).
- Martins, G. A. (2008). Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 2(2), 9-18. <https://doi.org/10.11606/rco.v2i2.34702>
- Morgenstern, A. & Gueller, A. J. S. (2015). Do trabalho suplementar na constituição subjetiva de gêmeos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(3), 53-67. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2015000300006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2015000300006&lng=pt&tlng=pt)
- Piaget, J. (1999). *Seis estudos de psicologia* (M. A. M. D'Amorim & P. S. L. Silva, Trans., 24ª ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Reis, M. E. B. T. dos. (2015). *Bebês gêmeos: Relacionamento afetivo e cuidados parentais*. Curitiba: Juruá.
- Reis, M. E. B. T. (2022). Construção de fatos clínicos psicanalíticos. In N. N. B. Pinheiro, R. S. Peres & S. N. Cordeiro (Eds.), *Pesquisas acadêmicas em Psicanálise: Reflexões teóricas e ilustrações práticas* (pp. 97-110). São Carlos: Pedro & João Editores.
- Sei, M. B., Skitnevsky, B., Trevisan, F. M. & Tsujiguchi, I. (2019). Caracterização da clientela infantil e adolescente de um serviço-escola de Psicologia paranaense. *Revista de Psicologia da UNESP*, 18(2), 19-36. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442019000300002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442019000300002&lng=pt&tlng=pt)

Souza, J. C., Hickmann, A. A., Asinelli-Luz, A., & Hickmann, G. M. (2020). A influência das emoções no aprendizado de escolares. *Revista Brasileira De Estudos Pedagógicos*, 101(258), 382–403. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i258.4279>

Viotto, M. E. B. T. (1999). *Conversando sobre gêmeos*. Londrina: o autor

Winnicott, D. W. (2022). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trad., pp. 104-116). São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1963).

Winnicott, D. W. (2019). O brincar: proposição teórica. In L. Fulgencio, A. L. Lejarraga, C. Dunker, G. Safra & T. Ab'Saber (Eds.), *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad., pp. 69–90). São Paulo: Ubu Editora.


Winnicott, D. W. (1968/2021). O aprendizado infantil. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Eds.), *Tudo começa em casa* (P. C. Sandler, Trad., pp. 167-176). São Paulo: Ubu Editora.

## CONFLITOS DE INTERESSES


Não há conflitos de interesses.

## SOBRE OS AUTORES

Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis é psicóloga; Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise - Universidade Estadual de Londrina. e-mail: bethtavares@uel.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-3466-4150>

Beatriz Leal Santos é psicóloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. e-mail: beatriz.leal.santos@uel.br.

 <https://orcid.org/0000-0001-6083-999X>